

A indispensável visão dos economistas

LUIZ VASCONCELOS

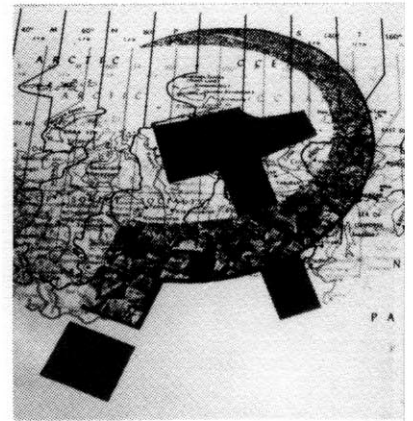
Apesar do interesse excepcional que reveste a evolução da sociedade soviética nestes últimos anos, em seus componentes econômicos, políticos e sociais, poucas são as obras publicadas a respeito entre nós. Deve-se saudar, desde logo, quanto mais não fosse por essa circunstância, o esforço da Edusp ao entregar-nos esta coletânea de onze ensaios muito pertinentes de autores soviéticos, reunidos e apresentados pela prof^a Lenina Pomeranz.

Da coletânea fazem parte nomes bem conhecidos, que se tornaram pontos de referência obrigatória para compreender o que se passa na União Soviética, o maior e o mais complexo e contraditório país do mundo. Refiram-se, em tal contexto, os membros da Academia de Ciência da URSS Abel Aganbeguián, consultor pessoal de Gorbachev e Tatiana Zaslávskaja. Assim, também, Leonid Abálkin, primeiro-vice-ministro para a Economia, e Nicolai Petrakov, outro assessor conhecido de Gorbachev. O primeiro, com duas obras traduzidas em português, esteve em breve visita ao Brasil, no ano passado. Abálkin tem escrito muito sobre estratégia do desenvolvimento econômico e sobre o sistema econômico socialista em geral. De Zaslávskaja, socióloga e deputada, vale salientar ter sido figura destacada na elaboração do famoso “Documento de Novossibirsk”, de 1983, no qual se afirmava que características essenciais do sistema soviético necessitavam de mudança radical urgente.

Os demais autores, menos notórios que os acima citados, salvo talvez Len Karpfnski, redator político do semanário *Novidades de Moscou*, editado em várias línguas e em venda corrente no Brasil, são especialistas em ciências sociais e políticas. Trata-se dos acadêmicos I. Borozdin, L. Nikifórov e Galina Staravoitavá; L. Gúdkov (em conjunto com I. Levada, A. Lévinson e L. Sedov), I. Kon e Nicolai Popov, colaboradores de Zaslávskaja.

□ □ □

A “Introdução” de Lenina Pomeranz é uma clara exposição sobre o processo que levou ao surgimento da *perestróika* e da concomitante *glasnost*, conceitos já consagrados no vocabulário do mundo inteiro, seguindo-se uma análise das propostas econômicas e políticas básicas, que completa noutro trabalho seu editado pelo Instituto de Estudos Avançados da USP (*Observações sobre a evolução da perestróika na URSS*, agosto/1990). Como ela destaca, os acontecimentos atuais deixam, no mínimo, qualquer um perplexo. Bastaria já a afirmação repetida por Gorbachev do seu intuito de provocar uma “verdadeira revolução”, o que a muitos surpreendeu, pois, no discurso oficial anterior, a verdadeira revolução teria ocorrido em 1917, não dando lugar a outra! Mas, a maior perplexidade advém da impiedosa e desmedida autocrítica do sistema, que tomou conta do país. Logo pontuada pela rapidez de mudanças sociais e políticas que se sucederam na URSS, em seguida no Leste europeu e novamente na URSS, ricochete ampliado dos anseios vividos em vários níveis da sociedade socialista.



LUIZ VASCONCELOS é professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro e autor de ensaios publicados em diversas revistas.

Perestróika: desafios da transformação social na URSS, Lenina Pomeranz (org.), São Paulo, Edusp, 1990, 242 pp.

A revolução desencadeada por Gorbatchev (com um beneplácito ainda pouco claro) estende-se por toda a parte na área das relações humanas e governamentais: do totalitarismo para a democracia; da ditadura para o governo representativo; do partido único para o pluralismo; de um sistema econômico administrado para um sistema que se pretende de mercado. E a lista das mudanças pode prosseguir: da centralização excessiva para uma crescente autonomia regional e local; do monopólio globalizante para os propósitos de concorrência; da propriedade estatal excludente para uma crescente propriedade individual e de empresas privadas, etc., etc.

Em boa verdade, nenhum destes objetivos foi ainda alcançado a contento e há manifesta confusão acerca dos meios e do modo de se conseguir chegar lá. Sucodem-se as propostas sem definição precisa, umas pregando choques violentos, outras advogando evolução gradual. Submetidos a esse forte vendaval incompleto, os cidadãos sentem-se desorientados, tanto mais que enfrentam uma insegurança desconhecida até agora. Nacionalismos e etnias rebuscam bandeiras do passado. O estado-previdência está abalado nos alicerces. O desemprego alastra-se e as perspectivas de aumentar aterrorizam. As ruas das grandes cidades ficaram perigosas. Negócios ilícitos prosperam a olhos vistos, num cortejo de corrupção e de chagas sociais, velhos conhecidos nossos, mas só ultimamente confrontados na via pública da sociedade consumista emergente do “lado de lá”.

As causas do estado de coisas atual são muitas e muito complexas. Sobre elas paira, a nosso ver, uma questão essencialíssima freqüentemente sublinhada na literatura sobre a URSS, mas, mesmo assim, talvez subestimada. É a do peso esmagador dos armamentos, incluindo nisso o aeroespacial, numa sociedade ainda em desenvolvimento, carente de comodidades que se tornaram moeda corrente em países de nível de renda equivalente. É a questão da subjugação do planejamento civil ao militar, uma perna mais curta, outra descomunal, numa economia comandada que desse modo tem assegurado prioridades incontestadas ao setor das armas. A prof^{te} Pomeranz toca bem no ponto ao considerar que “não se pode deixar de vincular a obsolescência (...) do parque produtor (soviético) e as precárias condições da economia aos recursos despendidos na corrida armamentista”. Linhas antes sublinhou, também, “não (ser) exagero afirmar que a URSS perdeu a guerra fria e a corrida armamentista”...

Estamos plenamente de acordo. As consequências da guerra fria e da derrota soviética requerem exame profundo. Realmente, grande parte dos problemas da URSS, tantos e tamanhos, pode ser atribuída em direto à confrontação ideológica internacional em que o país se envolveu. A verdade é que, desde a sua primeira hora, a economia soviética viu-se apanhada numa armadilha em que causas e efeitos da política internacionalista comunista se confundiam, ora em ameaça, ora na defesa, com os propósitos primordiais do socialismo. O novo país viveu sempre de armas na mão. Não foram ilusão as intervenções estrangeiras. E o terror atômico posterior ainda mais apertou a armadilha dos gastos bélicos, a partir de Potsdam-Hiroxima. Gorbatchev referiu-se



em diversas ocasiões à pressão exercida do exterior, denunciando-a como meio intencional de prejudicar os planos de aceleração do desenvolvimento da URSS.

□ □ □

No xadrez do poderio mundial, a capacidade de produzir ao mesmo tempo “manteiga e canhões” foi e continua sendo um divisor de águas. Para sobreviver, o gigantesco empreendimento histórico do socialismo teve de sacrificar a manteiga. Esse, o preço maior do “socialismo num só país”, proclamado num país arrasado e pobre.

Não se esqueça que, depois de uma guerra civil devastadora e do embate tremendo da invasão nazista, os soviéticos viram-se forçados a reconstruir por duas vezes a maior parte de suas instalações produtivas e a reerguer milhares e milhares de cidades, vilas e aldeias – sem deixar de manter um alto nível de mobilização para produzir armamentos. Levado a cabo com produtividade relativamente baixa, o esforço sincrônico de reconstrução e armas deixava poucas sobras para o aumento da oferta de artigos e serviços de primeira necessidade. Assim funcionou a economia no ritmo avassalador dos primeiros Quinquênais, animada por bandeiras vermelhas.

Dizia-se, no Ocidente, que a qualidade das armas soviéticas era deficiente. Mas a URSS ia produzindo em grande escala todo tipo de armas terrestres, aéreas e navais, obtendo ainda espetaculares sucessos espaciais que testemunhavam um domínio de tecnologias de ponta que o sistema, ao contrário do capitalista, mantinha quase estagnado em relação às possibilidades de transferência a tecnologias de massa. Aí, definitivamente, a produção civil ficou em desvantagem. Em tudo: na prioridade de suprimentos e de transportes, na qualidade dos produtos e da gerência, no entrosamento com as instituições de C & T, etc. A principal potência socialista demonstrava interna e externamente ter êxito na produção bélica e estar atrasada na produção civil. Um contra-senso que dava bem idéia das dificuldades com que se debatia a economia soviética frente a uma população mais exigente, mais instruída, com mais dinheiro no bolso, mas sem poder exercer uma procura que lhe permitisse *keep up with the Johnsons*.

Pelas autocríticas que hoje se ouvem, a vantagem dos canhões juntamente com a sobreposição de investimentos em obras de longa maturação terão sido os principais responsáveis pelas taxas de crescimento declinantes desde o final dos anos 70. Nos discursos oficiais falava-se de atraso na aplicação de métodos de produção intensivos. Depois, cunhou-se uma outra explicação para o atraso: o “imobilismo” da gerontocracia. Ora, está bem claro que esse imobilismo não impediu de maneira alguma uma enorme progressão dos gastos militares soviéticos forçados a jogar o *pushmepullyou* da corrida, que já estaria absorvendo então mais de 25% do orçamento nacional, segundo Chevardnadze. Com um PIB equivalente à quarta parte do PIB dos países da NATO, os soviéticos vinham tentando competir de igual para igual no terreno militar com essa aliança sustentada nada menos que por Estados Unidos, Canadá e Europa Ocidental. Um verdadeiro desanuiamento tornou-se essencial.

Afirmando que somente um louco desencadearia uma guerra nuclear e senhor ele



mesmo de dezenas de milhares de engenhos atômicos, capazes de destruir a Terra um sem número de vezes, Gorbatchev denunciou com o maior vigor a pressão armamentista destinada, em última análise, em suas palavras, a exaurir a economia soviética. Mais decididamente que seus antecessores, ele tem procurado conter e reduzir as armas. Ao proceder assim, manda a bola para o campo contrário. Uma redução das encomendas ao complexo industrial-militar ocidental exercerá efeitos muito perturbadores na economia. Desde logo provocará mais desemprego entre quem parece já ter desistido de algum dia absorver os altos percentuais atuais de desocupados forçados. Ao passo que, na URSS, uma menor demanda militar poderá concorrer de imediato para aumentar a oferta de bens de consumo, aliviando assim tensões sociais ultimamente (e justamente) exacerbadas.

Claro que essa opinião não parece unânime nos círculos militares soviéticos, preocupados com a defesa de um país imenso e até certo ponto herdeiros das tradições grã-russas. E que pensar, agora mesmo, no impacto da guerra do golfo? Ademais, a conversão da indústria bélica à produção civil vem pondo em evidência muitos obstáculos por motivos os mais variados, sobretudo pela rigidez institucional que não cede facilmente. Resultado: a URSS provou ter perdido a corrida armamentista sem conseguir, todavia, a desmilitarização da economia. Daí, em grande parte, o apelo às *joint ventures* que suprimiriam mercados de escassez. Todas estas circunstâncias contribuem para acentuar as hesitações, o fracasso mesmo da *perestróika* de uso interno que – voltando à coletânea de Lenina Pomeranz – está no centro dos ensaios por ela reunidos.

□ □ □

A resenha já vai longa e saiu um pouco dos eixos. O leitor encontrará nos textos dos economistas desta coletânea ponderações por vezes conflitantes na busca de saídas aos impasses em que a *perestróika* se encontra. As grandes reformas anunciadas têm resultado em pequenas reformas, quando não apenas em boas intenções, na tentativa de se implantar um novo modelo de economia em um novo modelo de sociedade sobre estruturas anquilosadas, desprovidas de agentes capacitados para assegurar a transição desejada. Os autores fazem propostas num mar desconhecido do homem comum, certamente instruído, mas menos culto e menos preparado do que o esforço educacional soviético deixaria supor. Contudo, é nesse mar que os soviéticos rumarão para novas estruturas as quais ninguém ainda sabe ao certo o que serão, pois é a primeira vez que um amplo setor da humanidade tenta realizar uma transição do mais alto significado histórico e cheia de complexidades para a qual não há exemplos definidos. E isso num mundo cheio de riscos, de atritos, de sinais confusos, tanto no político, como no econômico. No entanto, é preciso navegar. Vem à mente uma expressão de Aganbeguián, no seu livro mais recente, caracterizando a situação atual como um “afundar ou nadar”...

Como substituir rapidamente as determinações do comando centralizado (e, insistimos, prioritariamente favorável à defesa militar) pela orientação de políticas econômicas à la ocidental que lidam há séculos com forças, instrumentos e malícias de mercado a serviço da acumulação capitalista? Como evitar ou temporizar com formas de exploração injustas e imorais, fermentos da desigualdade social e do desperdício no mundo capitalista que chega às raias do indecente?

Kornai, desiludido com o insucesso das reformas na Hungria, preconiza que se soltem de vez as bruxas do liberalismo, com todo o seu cortejo de aspectos desagradáveis. Paralelamente, pede o fortalecimento da sociedade de direito com leis democráticas austeras que defendam realmente os interesses da coletividade contra as investidas individualísticas (como diria Meszaros). Os soviéticos, a braços com problemas numa escala gigantesca e de uma diversidade espantosa, estão muito mais hesitantes em relação ao futuro. Continuam propondo e criticando, acumulando acusações ao passado tanto no econômico como no social e no político. Os textos da coletânea acerca dos aspectos sociais e políticos abordam as questões que, conforme escreve a prof^a Pomeranz, ao mesmo tempo que permitem caracterizar os elementos da organização social surgidos com a implantação do modelo anterior de socialismo, constituem o grande obstáculo para a implantação do novo modelo. Estão, nesse caso, a estratificação social, o burocratismo, o stalinismo e a inércia social. Os pontos de vista expostos sobre essas questões ou mais diretamente sobre a questão nacional e o processo político completam a visão dos economistas nesta coletânea de consulta indispensável para quem queira compreender, como dissemos no início, os acontecimentos dramáticos que se sucedem na URSS.